CAPÍTULO 1

INTERVENÇÃO NA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO "NOSSO LAR"

Medeiros, Mateus A. C. de[1]. Guaglio, Kelly I. M.[2]. Jesus, Marcela de C.[3]. Momberg, Thainara[4]. Tulli, Felipe B[5]. e Paulino, Mateus M.[6]

[1]Graduando em psicologia, Faculdade do Sudoeste Paulista, mateus.costa0611@gmail.com
[2]Graduando em psicologia, Faculdade do Sudoeste Paulista, kelly.guagliopsico@gmail.com
[3]Graduando em psicologia, Faculdade do Sudoeste Paulista, marcela_2907@hotmail.com
[4]Graduando em psicologia, Faculdade do Sudoeste Paulista, thacmomberg@gmail.com
[5]Graduando em psicologia, Faculdade do Sudoeste Paulista,fbtulli@gmail.com
[6]Graduando em psicologia, Faculdade do Sudoeste Paulista, teumattos02@gmail.com

RESUMO

Através de uma pesquisa de coleta de dados surge a necessidade de uma pesquisa de campo interventiva para desenvolver dinâmicas grupais que promovam o crescimento emocional e suporte emocional necessário para aqueles participantes do grupo em uma instituição de acolhimento. Por meio da análise qualitativa de alguns materiais de desenho livre e dinâmicas propostas foi possível acessar conteúdo das crianças e adolescentes ali presente e desenvolver um ambiente seguro de expressão que surte resultados positivos para a dinâmica grupal.

Palavras-chave: Abrigo, adolescente, criança, instituição, institucionalização.

ABSTRACT

Through a data collection survey, the need for interventionist field research arises in order to develop group dynamics that promote emotional growth and provide the necessary emotional support for the participants in a care institution. Through the qualitative analysis of some free drawing materials and proposed dynamics, it was possible to access the contents of the children and adolescents present and to create a safe space for expression, which has led to positive results for the group dynamics.

Keywords: Shelter, adolescent, child, institution, institutionalization.

INTRODUÇÃO

As crianças institucionalizadas, são crianças que em muitos casos, não esperam por um colo, nem por uma família, esperam que o tempo os conduza a outra instituição, onde uma outra fase da vida "as libertará", em muitos casos, para as ruas. Siqueira & Dell'aglio (2006) pontuaram em seus estudos dados que mostram ainda que 87% das crianças e adolescentes abrigados têm família, sendo que 58% mantêm vínculo com seus familiares. No entanto, foi também constatado que o tempo de duração da institucionalização pode variar até um período de mais de 10 anos.

Segundo Sareceno (1988), a família é de suma importância na vida do indivíduo, pois trata-se de uma construção social, cultural e econômica da realidade. Para Goleman (1995) "a vida familiar é a nossa primeira escola de aprendizagem emocional", ou seja, a família é a primeira etapa de socialização da criança, é o contexto educativo onde aprende-se valores, sejam eles sociais, culturais e emocionais, que produziram na criança um processo de desenvolvimento cognitivo, sensorial, motor e afetivo.

No contexto brasileiro, devido à enraizada situação de vulnerabilidade e pobreza, a primeira resposta à qual por muitos anos se recorreu foi o afastamento da criança e do adolescente do convívio familiar. Foi a partir da criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA,1990 apud Pernambuco, 2016) que se iniciou a construção de parâmetros para as instituições que acolhem crianças privadas da convivência familiar. Seu surgimento foi decisivo para ampliar a percepção sobre a criança e ao adolescente como sujeitos de direitos, e não mais objetos de direitos, tendo em vista sua condição de pessoa em desenvolvimento.

Visto que, o ECA (1990, art.98 apud Pernambuco, 2016) "prevê medidas de proteção para crianças e jovens que devem ser tomadas sempre que os seus direitos sejam ameaçados ou violados pela ausência, inação ou abuso de um dos pais ou tutor; os atos ou omissões da sociedade ou do Estado e como resultado de suas ações", tal como, entre as medidas possíveis, as autoridades competentes podem determinar o acolhimento institucional, a inclusão num programa de acolhimento familiar e posterior colocação numa família de substituição.

A iniciativa de implantar um grupo terapêutico com rodas de conversa, no "Nosso Lar" nasceu da necessidade de preencher lacunas no suporte emocional e psicossocial oferecido às crianças e adolescentes acolhidos. Inspirados por teorias sobre desenvolvimento humano,

comunicação e psicologia social, as intervenções propostas buscaram criar um ambiente seguro e acolhedor, onde os participantes pudessem expressar suas emoções, compartilhar experiências e fortalecer seus vínculos interpessoais, por meio de rodas de conversas e dinâmicas elaboradas ao longo desse processo.

Para tal feito, foram realizadas visitas a instituições que abrigam crianças e abrigados, como também dos profissionais que ali atuam. Através desses contatos, a fim da obtenção do conhecimento de como é a realidade tanto dos institucionalizados, foi possível ter acesso a como são os cuidados com a saúde mental e o desenvolvimento dos usuários enquanto abrigados, e qual o papel e a participação dos psicólogos, enquanto institucionais, dentro desse processo de acolhimento e reabilitação dessas crianças. Também foi possível identificar quais são os cuidados oferecidos aos profissionais do local.

OBJETIVO

O enfoque inicial deste estudo foi conhecer os espaços de acolhimento institucional para crianças e adolescentes em situações de maus tratos e negligência social e a partir disso, aplicar intervenções terapêuticas com o intuito de promover uma saúde e bem estar mental. Baseando-se no proposto, o objetivo desse trabalho é apresentar na prática a aceitação e enquadramento do projeto "RECRIAR" dentro das instituições responsáveis pelo acolhimento de crianças e adolescentes vítimas de vulnerabilidade, sendo nesse caso, retiradas dos ambientes familiares onde viviam nesse contexto de negligência, para serem abrigadas nessas distintas instituições. É um fato que muitas crianças sofrem com os impactos de tais mudanças e rupturas, e o projeto tem como fundamento um atendimento menos formal e mais humanizado, visando o bem estar dos institucionalizados implementando intervenções que promovam o desenvolvimento emocional e interpessoal dos acolhidos, auxiliando no seu desenvolvimento de forma saudável e fortalecendo a autonomia diante de um novo cenário em suas vidas. E, posteriormente, criando um ambiente propício para expressão emocional, comunicação e interação social saudável.

A escolha de focar no público-alvo do "Nosso Lar" foi motivada pela urgência de fornecer suporte emocional e psicossocial a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Diversos estudos destacam a importância do ambiente emocionalmente seguro e do apoio

interpessoal na promoção do bem-estar e no desenvolvimento saudável durante a infância e adolescência. Portanto, nossa intervenção visou preencher essa lacuna, oferecendo atividades e suporte personalizados para atender às necessidades individuais dos acolhidos.

Após identificar a demanda, ficou evidente a necessidade de desenvolver um ambiente acolhedor, uma vez que a ausência de apoio no ambiente e a escassez de afeto das crianças acolhidas são desafios que prejudicam significativamente o crescimento emocional e social dos residentes. Esses indivíduos, frequentemente provenientes de lares desorganizados, acabam manifestando hostilidade e desconsideração tanto entre eles quanto em relação aos responsáveis. Esta dinâmica desfavorável não apenas afeta a dinâmica do local, mas também dificulta a formação de vínculos saudáveis e de confiança, fundamentais para o desenvolvimento de cada criança.

Para reverter esse cenário, é essencial incentivar a autonomia e construir relações positivas entre cuidadores e acolhidos. Os facilitadores devem promover atividades que estimulem a expressão de sentimentos e a comunicação, criando um ambiente de apoio e compreensão mútua. A realização de grupos de conversa, *workshops* artísticos e momentos de convivência recreativos pode auxiliar os jovens a se expressarem de forma saudável e, ao mesmo tempo, fortalecer os laços entre todos os participantes. O envolvimento ativo dos cuidadores nessas atividades é fundamental para mostrar empatia e apoio verdadeiro.

Adicionalmente, oferecer oportunidades para que os residentes desenvolvam habilidades de relacionamento é fundamental para aprimorar a convivência e o bem-estar de maneira geral. Ações voltadas para a empatia, escuta ativa e resolução de conflitos podem ser incluídas na rotina do abrigo. Também é essencial avaliar o impacto dessas ações no bem-estar emocional e na interação social dos jovens, por meio de observações diretas, feedback dos participantes e análises qualitativas. Esse acompanhamento regular possibilita ajustar as estratégias e assegurar que as necessidades dos moradores estejam sendo devidamente atendidas, promovendo um ambiente mais acolhedor e harmônico.

DADOS DA INSTITUIÇÃO

O “Nosso Lar” é uma instituição de acolhimento técnico integral para crianças e adolescentes vítimas de maus-tratos, abusos e violência, sob medida protetiva, localizada no município de Itapetininga-SP, que oferece suporte emocional, educacional e assistencial a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Com uma equipe multidisciplinar composta por 1 psicólogo, 1 assistente social, 1 professor de educação física, 1 cozinheiro e 10 monitores que intercalam em uma escala de trabalho com jornada 12/36, possui uma estrutura adaptada às necessidades dos acolhidos, a instituição busca criar um ambiente acolhedor e propício para o desenvolvimento integral dos participantes.

METODOLOGIA

O projeto foi executado no centro de acolhimento "Nosso Lar", direcionado para crianças e adolescentes em condições vulneráveis. A seleção desse local foi feita após a identificação de uma carência severa de suporte emocional e psicossocial, conforme indicado por pesquisas sobre o crescimento infantil em áreas de perigo.

O propósito das ações foi promover o bem-estar emocional dos acolhidos através de atividades específicas, planejadas com qualidade e quantidade adequadas. A pesquisa bibliográfica teve duração de 6 meses, sendo composta por investigação de campo em conjunto, coleta de dados feita em um estudo quantitativo anterior e aplicação de intervenções com base nos resultados obtidos.

Durante as programações foram realizadas atividades de desenho livre, interação com palavras positivas, rodas de conversa, questionários e a brincadeira da batata quente. Inicialmente, a brincadeira da batata quente foi utilizada como uma forma de quebrar o gelo e facilitar a comunicação entre os participantes. Nessa atividade, um objeto que representava uma batata era passado de pessoa em pessoa ao som de uma ciranda; quando a música parava, quem estava com a "batata" se apresentava para o grupo. O objetivo dessa abordagem era diminuir a ansiedade social e estimular a interação inicial e o fortalecimento de vínculo.

A interação em grupo foi uma estratégia essencial para investigar os pensamentos profundos das crianças e adolescentes, possibilitando a compreensão de suas vontades, aspirações e esperanças. Além disso, essa dinâmica propiciou a discussão sobre a vida escolar, a

estrutura da rotina e os comportamentos dentro da escola, criando um espaço acolhedor para a expressão de emoções e opiniões, incentivando a reflexão e a prática da escuta ativa, a qual foi exercitada pela simbologia da posse do objeto que representava o momento de fala.

A técnica de desenho livre, uma outra forma qualitativa utilizada, disponibilizou materiais como lápis 2B, lápis de cor, papel em branco, canetas e giz de cera para que os indivíduos pudessem representar suas emoções e atitudes por meio da expressão artística. A avaliação dos desenhos possibilitou a identificação e investigação de padrões comuns ligados ao estado emocional dos participantes.

Além disso, foram realizados questionários aplicados nas cuidadoras, com abordagem quantitativa para reunir informações detalhadas sobre a rotina das crianças e jovens, como presença na escola, atividades realizadas e interações sociais. Essas informações foram fundamentais para obter um entendimento mais aprofundado das necessidades e visões individuais dos envolvidos.

De acordo com os questionários realizados com as cuidadoras na instituição de acolhimento, foi possível examinar detalhes específicos sobre o dia a dia, os desafios e os apontamentos das cuidadoras que trabalham com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade.

As cuidadoras relataram que, embora o trabalho tinha dificuldades e desafios, sendo uma experiência cheia de significados, afeto e crescimento pessoal. Em uma visão quantitativa, as palavras que mais foram mencionadas são dificuldade, respeito, trabalho, sentir, apoio, família e desafio. Cada uma dessas palavras surge em contexto diferentes ou muito semelhantes, como o respeito dos menores ser um dos desafios a serem enfrentados durante a execução do trabalho dos cuidadores. Com base nas entrevistas, constatou-se que um dos fatores desafiantes no cotidiano é lidar com os comportamentos dos abrigados, especificamente nos comportamentos que advém das vivências individuais de cada um. As entrevistadas trouxeram que esses pontos são citados constantemente e englobam detalhes emocionais, comportamentais e culturais. Além disso, para as cuidadoras, a socialização a essas diferenças e a superação desses desafios de respeito e autoridade reflete uma luta diária, elas relatam que vai além de aplicação de regras, é necessário gerar uma relação empática e respeitosa. Diante da visão das cuidadoras entanto, argumenta-se que a falta de preparação e formação específica, combinada com dificuldades na aplicação das disposições do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA pode dificultar o

desenvolvimento de tais vínculos e a criação de um ambiente respeitoso, diante dessa fala muitas delas criticaram o estatuto devido a proibição ações como atos de violência como forma de repressão aos menores são proibidas

O levantamento das entrevistas constatou que as instituições oferecem suporte básico e orientação frequentemente para realização das funções, mas não foca em saúde mental para as cuidadoras que padecem de atendimento psicológico, o que as entrevistadas destacaram com umas das necessidades emergenciais. As cuidadoras relataram que o apoio psicológico seria essencial para lidar com as demandas que as crianças e adolescentes institucionalizadas trazem, para lidar com estresse e os cenários desafiadores que enfrentam. Este aspecto é, portanto, crucial, pois o trabalho diário realizado nas instituições apresenta um elevado grau de exaustão emocional e psicológica, e a falta de políticas públicas de saúde mental nas instituições pode levar ao aumento da exaustão, afetando assim a qualidade do trabalho do cuidador. As monitoras entrevistadas relataram não receber nenhum tipo de acolhimento psicológico no ambiente de trabalho, por mais necessário que este seja. Em relação ao nível de informação acerca do trabalho, foi constatado que os contratados não recebem nenhum tipo de capacitação para exercer a função. O que contribui para a rotatividade de admissões e demissões de monitores no local, visto que eles relatam não se sentir preparados para o trabalho, alegando falta de apoio psicológico e profissional.

Diante deste cenário, outro ponto importante que emergiu durante a realização das entrevistas foi a adaptação pessoal ao trabalho. As entrevistadas relataram que ter esse contato e atuar no cuidado de crianças e adolescentes em vulnerabilidade acaba impactando a vida fora do ambiente de trabalho, fator que redireciona a vida pessoal e percepções sobre família e afeto.

A vivência das cuidadoras mediante ao trabalho desempenhado revela em tom emocional as experiências subjetivas e desafios pessoais, abordando que o contato com as crianças e adolescentes desencadeiam nelas o desejo de sugerir a base e o afeto que inúmeras vezes também lhe faltaram.

Diante dos fatos acima é notável a importância do papel que as cuidadoras exercem no desenvolvimento emocional dos internos, seus relatos evidenciam a urgência de uma equipe multidisciplinar que supra os cuidados necessários, sejam físicos ou psicológicos das crianças e adolescentes, e também do quadro de funcionários, a fim de que todos os indivíduos pertencentes a instituição possam exercer de maneira coletiva e benéfica para ambos o trabalho designado.

A análise qualitativa e quantitativa das narrativas dos cuidadores revela um cenário de trabalho desafiante e tenso, em que acolher crianças desfavorecidas requer esforços adaptativos e empáticos contínuos, bem como um apoio institucional mais forte e focado nas suas necessidades. Mesmo diante de todos esses desafios, 90% dos cuidadores entrevistados apresentaram interesse em se capacitar e manter-se na nessa área de atuação.

A dinâmica da palavra positiva é outra abordagem qualitativa que visa aumentar a autoestima e o respeito. Toda criança e adolescente recebe e troca palavras positivas, promovendo uma linguagem positiva e um ambiente acolhedor.

Todas essas ações foram realizadas por estagiários de psicologia, após a aprovação dos participantes, respeitando sua dignidade e priorizando seu bem-estar emocional e social. Os resultados obtidos mostraram progressos significativos no bem-estar emocional, na interação em grupo e nas competências de comunicação e expressão dos jovens do abrigo “Nosso Lar”. A análise dos dados será embasada em teorias psicológicas e práticas utilizadas, oferecendo perspectivas valiosas para próximas intervenções.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E DISCUSSÕES

De acordo com o ECA, (1990 apud Pernambuco, 2016) o abrigo é a sétima medida de proteção, sendo aplicada quando os direitos da criança e do adolescente são ameaçados ou violados. Dessa maneira, foram organizados a partir de um conjunto de elementos que contribuem de forma significativa e negativa para o processo evolutivo da criança. De maneira positiva, têm-se a retirada da criança do contexto de vulnerabilidade. Mas, em contrapartida, são relativamente desanimadores para a criança em desenvolvimento, devido a questões de superlotação, pessoal pouco qualificado, espaço reduzido e com pouca chance de oferecer o tipo de estimulação sensorial adequado ao desenvolvimento infantil.

Como destacado, dentre os fatores que são capazes de interferir no desenvolvimento infantil, está a institucionalização que tem sido frequentemente citada como local de impacto para o desenvolvimento psicomotor e social da criança, mas classificá-lo como positivo ou negativo depende diretamente do contexto anterior a que a criança estava exposta e do acolhimento que esta irá ou não receber nas instituições de abrigo. Uma criança que estava em

situação de risco e negligência parental, por exemplo, pode vir a ter uma experiência positiva dentro das instituições de abrigo ao passar a receber os cuidados necessários por parte dos cuidadores e com a possibilidade de se relacionar com outras crianças, tanto mais novas quanto mais velhas, que podem vir a influenciar de forma positiva o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo. Mas, outra criança no mesmo contexto, pode vir a não experienciar da mesma maneira e ser prejudicada negativamente, estando privada em um único ambiente, a criança acaba por ter poucas oportunidades de estimulação sensorial adequada ao seu em pleno desenvolvimento psicossocial (Vicente, 2009).

Além disso, geralmente esses profissionais trabalham em escalas, alternando entre si, o que pode ressignificar a experiência de separação vivenciada pela criança, não só em relação à sua mãe e família, mas também por esses profissionais. A dúvida da criança em ser aceita ou não pelo cuidador, ocasiona impactos no desenvolvimento da sua autoconfiança e, consequentemente, na construção de uma autoimagem positiva na vida adulta, tornando-se instável pelo fato de não se sentir segura frente à uma figura que tem responsabilidades constantes com seu cuidado (Vicente, 2009).

O autor ressalta ainda que, de forma geral, todo abandono tende a condicionar sentimentos de agressividade, angústia e não valorização de si mesmo, afetando ainda mais a vida adulta dessa criança e sua autonomia. O atraso neuropsicomotor proporciona déficit em outras áreas, pois sua presença limita a criança na ação de seu ambiente, no refinamento dos atos motores, na experimentação e nas atividades interativas, ou seja, no ambiente em que o processo de aprendizagem se desenvolve. Tal estímulo pode ser amparado nas diretrizes da estimulação precoce, considerando os aspectos individuais (Vicente, 2009).

A relação da autonomia para crianças e adolescentes em instituição de acolhimentos, são temas centrais para a psicologia, visto que as instituições enfrentam diversos desafios. Segundo Vicente (2009), a autonomia é entendida como um desenvolvimento contínuo e de diferentes formas, como emocional, cognitiva e funcional. A estruturação da autonomia se dá através de um processo gradual de separação ou afastamento emocional por alguma figura de referência. Por razão disso, compreendemos a falta de autonomia das crianças e dos adolescentes que residem em instituições de acolhimento, visto que muitos não têm essa figura de referência dentro da instituição.

A autonomia é vista como um processo, um conjunto de ações projetadas para atingir um resultado no qual assume que é um indivíduo independente. Para ser um processo de desenvolvimento, a autonomia deve ser uma conquista, um risco e um ganho que implica sentido e tomada de responsabilidade. Nessa há três tipos de autonomia:

Vicente (2009) destaca a autonomia emocional, a qual está ligada a encontrar formas de relacionar-se, resulta em desenvolver estratégias pessoais permitindo expressar emoções e sentimentos negativos e positivos em outras relações. Insere-se a capacidade de tomar decisões. A autonomia de valores, na qual o indivíduo consegue ter pensamentos e ideias mais abstratas, está diretamente ligado a questões e convicções morais. E a autonomia comportamental, nesta o indivíduo dará continuidade às tomadas de decisões por meio de ações. De acordo com Vicente (2009), a autonomia é desenvolvida em diferentes momentos e para pessoas diferentes. A autonomia pode ser incentivada em qualquer fase do desenvolvimento da criança e do adolescente, desde que esteja associada às capacidades e competências de cada um.

Para Barbosa (2013), o desenvolvimento da autonomia prepara o indivíduo para a vida e também contribui para sua autoestima, senso de competência e capacidade para enfrentar os desafios. Promover essa autonomia dentro da instituição de acolhimento envolve proporcionar um ambiente um pouco mais acolhedor, estável e seguro, no qual todos os indivíduos consigam desenvolver habilidades sociais e emocionais. É de extrema importância que ao trabalhar a prática da autonomia, haja um respeito com as necessidades individuais de cada um. Ao integrar estratégias como estas, as instituições podem auxiliar crianças e jovens a tornarem-se adultos confiantes e bem sucedidos.

Em relação à cognição social e a socialização, Kurt Lewin (1951 apud Campos et. al., 1996) foi o maior influenciador da teoria cognitivista dentro da psicologia, em sua teoria a maior característica era a forma como as pessoas representam o mundo é determinante em sua ação, Lewin determina que as construções mentais que influenciam a conduta de cada um, pois é partindo da necessidade interior de cada um que o indivíduo constrói suas representações.

O foco das teorias cognitivistas são as atitudes, definidas como estruturas cognitivas determinadas por conjuntos de valores e tendências para a ação organizadas a partir da experiência em manifestações psíquicas (Campos et.al., 1996, p. 167).

Para Vygotsky (1978 apud Campos et. al., 1996) a abordagem sociointeracionista diz que o conhecimento se constrói através da interação social, pois o conhecimento social,

compartilhado vem antes de ser algo individual, para ele o indivíduo está em constante mudança como culturas e linguagem que são essenciais para a interação de um grupo. Essa abordagem visa ir além do individualismo, focando na elaboração de estratégias, casos de programas comunitários, ação na comunidade, pensamento comunitário, psicologia comunitária.

A personalidade do indivíduo se dá a partir das experiências vivenciadas por cada um, sua formação é dada sobre o reflexo na qual a criança está vivendo. Neste momento, a criança passa a prestar a atenção nas atitudes que o adulto tem em relação à agressividade, deixando a criança satisfeita por muitas vezes por essa forma de comportamento. O artigo ressalta que a agressividade pode vir da influência do lugar onde a criança está inserida, mas que também pode ser um comportamento inato que surge no particular (Santos, 2008).

Os fatores que levam a criança a apresentar uma agressividade que não é considerada saudável, podem ter relação com a falta de postura e limite dos pais, visto que a criança é influenciada por seu meio social, uma violência dentro de casa ou no ambiente escolar, resulta em uma agressividade "anormal". Diversas vezes a criança usará a violência como um meio de chamar a atenção dos pais (Santos, 2008). Como observado, no trabalho de campo diante de um relato que ocorreu no período escolar, onde umas das crianças do abrigo haviam levado um canivete para escola e em decorrência de um leve desentendimento dilacerou o rosto de uma colega de sala, onde relata com um certo ar de orgulho e sorrindo diante da situação.

Na maioria dos casos, é possível perceber a agressividade infantil, alguns de forma mais escancarada, outras de maneira sutil, entretanto a criança pode vir a sofrer com isso de forma silenciosa reprimindo a agressividade (Santos, 2008). O que também foi observado no trabalho em campo, no caso de C. que essa agressividade se manifesta na forma de autolesão, o que fora presenciado no último dia de intervenção que se manifesta numa forma de chamar a atenção para si, que ao longo do período que estávamos lá demandou tempo de atenção focada apenas para ele, pois retirou um caco de vidro de uma porta que possui pequeno quadrados de vidro.

As demandas que surgiram ao longo das intervenções, se esbarra com frequência no fato de que os abrigados já vieram de lares possivelmente conflituosos, isso resulta nas carências e necessidades especiais que eles requerem, uma vez que a hipótese, é de que elas tenham crescido em lares despreparados para lidar com as necessidades básicas

Agressividade e falta de respeito entre os internos é um fato observável, considerando que essas crianças e adolescentes passaram boa parte de suas vidas em lares sem estrutura

emocional e socioeconômica. Comportamentos agressivos, se tornam de certa forma, um resultado esperado, uma vez que a agressividade pode estar associada à mecanismos de defesas, que em certas ocasiões podem ser necessários para a própria sobrevivência. Essa forma de se expressar, é anterior a experiência de estar abrigado, onde pela circunstância, pode se mostrar ainda mais evidente, já que o sujeito novamente se encontra em situação de vulnerabilidade, e por mais seguro que ele esteja ali, é uma situação "nova", o que o deixa ainda mais suscetível a esses comportamentos. Segundo Serrão e Baleeiro (1999) o ataque como forma de defesa: todos utilizam de defesas psicológicas para proteger-se de frustrações e sofrimentos presentes e passados.

É necessário ter e colocar limites, mas é fundamental fazer isso de forma delicada, fazendo bom uso das palavras, com a consciência de que são crianças e adolescentes que já carregam cicatrizes por vezes profundas, mas tais limites só são possíveis, quando os profissionais sabem de fato o papel que ocupam e executá-los da forma mais eficaz. Segundo Serrão e Baleeiro (1999), é importante que o facilitador seja verdadeiro, coerente, autêntico, procurando diminuir contradições entre o que faz e o que diz, sem ocupar lugar de onipotente e salvador, mostrando com respeito as incoerências do grupo e de seus integrantes e perguntando sempre sobre aquilo que não é dito, mas que aparece nas entrelinhas.

A construção de um novo ser se dá através de uma nova relação, confiar na capacidade e no processo desse grupo é importantíssimo para o engajamento real desse processo, que pode ser longo, por isso a importância das intervenções psicoterapêuticas dentro e fora desses ambientes, para uma criação de vínculo mais facilitada entre todos os integrantes.

Levando em consideração, essa agressividade e seus comportamentos taxados como problemáticos, devemos levar em conta o impacto da institucionalização. Como cita Siqueira e Dell'Aglio (2006), não há consenso sobre o impacto da institucionalização no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Mesmo com o aumento da pesquisa nessa área, a conscientização e a reflexão sobre o impacto da defesa do usuário permanecem insuficientes, ressaltando a importância de pesquisar e entender esses contextos. Citam também os vínculos afetivos os quais são fundamentais para o desenvolvimento social e emocional das crianças e adolescentes e, portanto, influenciam na formação das identidades dos sujeitos. Segundo os autores, na ausência desses vínculos emocionais positivos, várias emoções se desenvolvem (por exemplo, insegurança, tristeza, rejeição) e levam ao aumento do conflito entre pais e filhos durante a adolescência.

Pasian e Jacquemin realizaram um estudo investigando a autoimagem de crianças institucionalizadas e não institucionalizadas de 7 a 13 anos por meio de autorretratos gráficos. Os resultados mostraram que as crianças que vivem em abrigos apresentaram mais indicadores de emoção em seus desenhos em comparação com as crianças que vivem com suas famílias. Por outro lado, o tempo de abrigo foi um fator importante, pois aquelas crianças com mais tempo de abrigo apresentaram uma auto imagem mais completa (Apud Siqueira e Dell'Aglio, 2006).



(Imagem 1- Anexo A- Desenho de N., 10 anos)

O que fora observado muitas questões marcantes no processo de desenho livre com as crianças institucionalizadas, na imagem 1 (anexo A), desenho de N. de 10 anos foi observado na sua representação uma casa com porta fechada, muito pequena, com apenas uma janela, sem transparência alguma, que segundo Freitas e Cunha (2009), representam canais de comunicação ou vias de acesso ao mundo externo. Nessa representação são tentativas do ego de permanecer inacessível.



(Imagem 3- Anexo C- Desenho de R., 13 anos)

O que também foi observado em outros três desenhos, imagens 2 (anexo B), 3 (anexo C) e 4 (anexo D). Neles a porta também se encontra fechada, com dificuldades de acesso, sem caminhos para a chegada até a casa, representando características defensivas do ego.



(Imagem 2- Anexo B- Desenho de C., 12 anos)

No desenho da imagem 2, possui 2 janelas, uma delas com cortinas, parcialmente abertas, como aponta Freitas e Cunha (2009) é uma manifestação de comodidade de acesso, tendo acessos controlados do meio externo. Em todos eles, apresentam dificuldade de acesso por meios de caminho, mas o mais marcante é o da imagem 2 que apresenta a casa sem uma linha de solo muito definida, sem caminhos para a chegada, sendo até dificultoso por estar escondido atrás de morros e montanhas.



(Imagem 4- Anexo D- Desenho de R., 13 anos)

Na imagem 4, por exemplo, é uma casa sem porta, sem via de acesso, possuindo apenas uma janela fechada, demonstrando uma estrutura sem lógica de uma casa, não possuindo todos os elementos padrão. Freitas e Cunha (2009) apontam que a falta de elementos pode indicar condições menos adequadas do funcionamento do ego. Apresentando também grandes indicadores emocionais na atividade aplicada nesse dia de intervenção.

Portanto o psicólogo que atua em acolhimento institucional deve se colocar na posição de mediador entre a criança e a instituição, a família e o poder judiciário. Para cumprir essa atribuição, é importante que os profissionais e demais técnicos acolhidos pela instituição facilitem um diálogo intelectual, técnicas e olhares multidisciplinares e interdisciplinares (Silva et. al., 2015).

O trabalho com as crianças, é ressaltar a importância de o serviço de acolhimento ser reconhecido como um contexto de desenvolvimento para a criança que se encontra

institucionalizada. Ela materializa as condições reais em que vive, estabelecendo habilidades e competências decisivas para a formação de sua própria personalidade e sociabilidade. A estimulação delas interagem com o meio em que estão inseridas. As trocas sociais entre abrigo-escola caracterizam-se como transições ecológicas. Tendo em vista as dinâmicas interativas que se estabelecem, é fundamental considerar a participação infantil em termos de práticas desenvolvidas nos contextos inseridos. Desta forma, favorece-se a criação de metodologias participativas para crianças e jovens (Silva et. al., 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações realizadas no contexto do projeto no "Nosso Lar" destacaram a relevância de atividades bem planejadas que incentivem o bem-estar emocional e a interação social de crianças e adolescentes que vivem em instituições. As observações e resultados alcançados ressaltam a importância de um apoio constante e abrangente, que não se restrinja apenas às necessidades urgentes dos acolhidos, mas que também promova seu desenvolvimento global a longo prazo. Crianças em situações de vulnerabilidade sócio-familiar precisam de um ambiente que proporcione cuidado, segurança, educação, novas relações afetivas e o fortalecimento da independência.

No entanto, é importante ressaltar que o cenário institucional dentro do abrigo pode contribuir para a manutenção de uma sensação de instabilidade e incerteza na rotina dessas crianças. Os obstáculos enfrentados durante as atividades ressaltam restrições que vão além das iniciativas diretas dos programas, dependendo também das práticas de administração e das políticas adotadas pelos responsáveis do abrigo. Dessa forma, o sucesso das ações está diretamente ligado a uma administração que compreenda e atenda às diversas necessidades dos acolhidos.

Deste modo, para próximas ações, é essencial adotar uma abordagem dupla: manter o apoio direto aos acolhidos por meio de atividades que desenvolvam habilidades interpessoais e emocionais, e aprimorar as condições institucionais. Somente por meio de um ambiente mais acolhedor e estável, juntamente com uma administração sensível e eficiente, será viável garantir um desenvolvimento saudável e equilibrado para essas crianças e adolescentes. A continuidade e

o aperfeiçoamento dessas ações têm a capacidade de impactar significativamente suas vidas, proporcionando-lhes a chance de superar desafios e construir um futuro promissor e integrado na sociedade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Paola Vargas; WAGNER, Adriana. **A autonomia na adolescência: Revisando conceitos, modelos e variáveis**. Estudos de Psicologia (Natal), v. 18, p. 649-658, 2013.

CAMPOS et al 1996. **Comunidade: psicologia comunitária, cultural e consciência de freitas campos, psicologia social comunitária: Da Solidariedade à Autonomia.** 20 Edição. Editora Vozes.

CUNHA, Jurema Alcides. **Psicodiagnóstico-v**. Artmed Editora, 2009.

PERNAMBUCO. Ministério Público do Estado. **Acolher: orientações sobre acolhimento institucional e familiar. /Coordenação Centro de Apoio Operacional às Promotorias da Infância e Juventude - CAOP Infância e Juventude** :Org. e redação Daniella Cordeiro Cruz Silva Santos e Luciana Enilde de Magalhães Lash Macedo: Revisão e atualização Luiz Guilherme da Fonseca Lapenda (recurso eletrônico) * Recife: Procuradoria-Geral de Justiça, 2016. Disponível em :

https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPIJ/docs/32._Cartilha_sobre_Ado%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acessado em: 20 maio 2024.

SANTOS, Ellen Fernanda. **Agressividade infantil: possíveis causas e consequências.** Revista Científica Eletrônica de Psicologia, ano VI, n. 11, p. 1-11, 2008.

SILVA, Christie Dinon Lourenço da et al. **A Psicologia nos serviços de acolhimento institucional e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários.** Pesqui. prát. psicossociais, São João del-Rei, v. 10, n. 1, p. 55-65, jun. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082015000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 maio 2024.

SILVA, Christie Dinon Lourenço da et al . **A Psicologia nos serviços de acolhimento institucional e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários.** Pesqui. prát. psicossociais, São João del-Rei , v. 10, n. 1, p. 55-65, jun. 2015 . Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082015000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 mai. 2024.

SIQUEIRA, A. C.; DELL'AGLIO, D. D.. **O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura**. Psicologia & Sociedade, v. 18, n. 1, p. 71–80, jan. 2006.

VICENTE, Bruno - **Desenvolvimento da autonomia sustentada de jovens provenientes de acolhimento institucional: projecto para o desenvolvimento de competências emocionais e operacionais para a independência** [on-line]. Lisboa: ISCTE, 2009. Tese de mestrado. [27 mai. 2010] Disponível em www:<http://hdl.handle.net/10071/1881>.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Psicologia em extensão [livro eletrônico] : práticas exitosas da curricularização da extensão em graduação de psicologia : volume 2 volume 2 / organização Gabriel Arruda Burani. -- Cariacica, ES : Editora Manual, 2025.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-83121-04-2

1. Ensino superior 2. Extensão universitária 3. Psicologia 4. Psicologia - Estudo e ensino I. Burani, Gabriel Arruda.

25-273167 CDD-150

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia 150

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Obra publicada em abril de 2025

Direção Editorial Afonso Henrique Souza de Assis

Diagramação Frederico Godoy

Revisão Cintia Campos

Capa Camila Carmo Duarte

Organização Gabriel Arruda Burani

Autores Ana Beatriz Rodrigues Queiroz
Ana Carolina Galvão Araújo
Ana Laura Costa E Silva
Angela Carla Leandro Vieira Dos Santos
Angela Carla Leandro Dos Santos
Carolina Vianna Fernandes
Caroline Furtado Cruz
Diego Siqueira Inocêncio Alves
Eloisa Goes França
Felipe Borges Tulli
Gabriel De Oliveira Pereira

Giovanna Ribeiro Muller
Gustavo Valério De Albuquerque
Iasmin Tureli Martinho
Igor Santos De Moura
Ingrid Karoline Souza Da Silva
Isadora Sophia Rechinelli Freitas
Isis Maria Amaral Costa Matsuura
Iris Tureli Martinho
Jaqueline Aparecida De Almeida Ferreira
Jeferson De Oliveira Silva
Jeniffer Keith Camargo Queiroz
Juliana Milanês Camargo De Barros
Kelly Ida Maria Guaglio
Laiza Fernanda Dos Santos Silva
Lucas Bueno Bonfati
Maiara Domingues
Marcela De Camargo Jesus
Maria Júlia Nassif
Maria Julia De Meira
Maria Julya Da Silva Pawuk
Marielle Da Silva Reis Leite
Mateus Alberto Costa De Medeiros
Mateus De Matos Paulino
Mateus Domingues Vincentin
Paloma Aparecida Ferreira Silva
Rafaela Aparecida De Camargo Silva
Sandra Rodrigues Da Silva
Sidnei José Machado De Andrade
Thainara Corrêa Mariano Momberg
Vitória Letícia Silva Monteiro
Yudi Suda Moura
Yves Ferreira De Oliveira